

MEMORIA

A ESTRELA MARLENE GALEAZZI - Parte II

Por Sérgio Ross

Quando cheguei em Brasília, em março de 74, para dirigir a Sucursal das revistas da Bloch Editora, comecei a montar a minha equipe de jornalismo. Um dia minha secretária, convidou para almoçar conosco, uma moça gaúcha, de origem italiana, natural de Cotiporã. Me parecia estar vendo uma colona da minha região. Falava rápido, cantado e sabia de tudo o que acontecia em Brasília. Me disse depois, que estava por aqui, vendendo terrenos no Lago Sul, hoje parte nobre da cidade e que, para ganhar mais uns trocados, copidescava a coluna social de um jornalista goiano que escrevia sal com cedilha...

Achei a Marlene bem interessante. Achei que ela bem trabalhada, faria sucesso na minha redação.

Passado alguns dias, a minha pauta estava lotada e eu precisava uma materinha para a Fatos e Fotos. Ai, pensei: vou chamar a Marlene. Marlene chegou e eu dei as dicas do que a Fatos e Fotos queria, Marlene se mandou na mesma hora com um fotógrafo para o interior de Goiás. Dois dias depois, voltou com um belo material, que não acreditei que ela fosse conseguir. Fatos e Fotos deu quatro páginas. No mesmo dia, pedi ao Rio a contratação dela.

De um dia para o outro a Marlene, virou estrela. A redação no Rio, começou a respeitá-la e começou a pedir que ela, só ela cobrisse determinados fatos.

A Marlene nascia para fama. Era uma bela pauteira. Adquiri confiança e ela se projetou.

Descobriu o índio Juruna. Descobriu a Tia Neiva que era uma caminhoneira e nas horas de folga praticava o espiritismo. Tia Neiva morreu há alguns anos, mas hoje existe nos arredores de Brasília, uma cidade onde seus seguidores vivem e é chamada de Vale do Amanhecer. Entrevistou gente famosa como Jacques Custeau, Toni Benett e alguns políticos que tentaram misturar o seu trabalho com sacanagem.

Marlene foi a repórter que colocou o Alexandre Garcia, então do Gabinete de Figueiredo, pelado em uma cama redonda com lençóis de cetim, em uma matéria para a revista Ele Ela. É claro que o Alexandre foi demitido na mesma hora.

A "estrela" de Cotiporã, já na terceira idade é a grande cronista social do Jornal de Brasília. Hoje, virou fonte para muitos coleguinhas.

Prossegue

ADROALDO Trabalho que gera confiança

LOUREIRO

www.adroaldoloureiro.com.br

DEPUTADO ESTADUAL 12412

Autor das Leis: * Antbullying - contra violência escolar, * Lei dos Desmanches, * Semana da Saúde Bucal

Coisas do Barranco

★Nos anos 70, o Dia do Pindura era visto com terror pelos donos de restaurante. Alguns fechavam no dia 11 de agosto, outros reservavam uma sala especial para os estudantes, outros cobravam antecipadamente a conta futura. O imbróglio começou porque não eram estudantes de Direito frequentadores da casa que iam nesse dia, mas uma leva de desconhecidos, que procuravam os restaurantes mais chiques da cidade e pediam os pratos e vinhos mais caros do cardápio para comemorar o dito Dia do Pindura. Houve várias confusões que acabaram na delegacia, até que se chegou a conclusão que por mais que fosse a tradição, ou razão do Direito, se esta houvesse, que justificasse um restaurante bancar um prejuízo enorme, para que alguns estudantes desfrutassem o melhor de uma casa, sem contrapartida nenhuma, e, raciocinemos, sem uma base legal que fundamentasse tudo isso. Colaborou para o término das comemorações neste dia, os abusos cometidos por alguns, que, juntamente com uma certa crise que sempre acompanha os governos, tornou insustentável o lastro dos restaurantes para garantir a comilança de uma parcela de estudantes.

Houve um caso em que um garçom do Barranco foi atender uma mesa de aproximadamente 20 pessoas. Era dia do Pindura e o Barranco, para aqueles clientes que não eram da casa nem tinham mais de 50 anos, cobrava adiantado. Como o chefe da turma, era conterrâneo do garçom, este até pediu se não eram pinduras. A resposta foi negativa. A desconfiança veio quando vieram os pedidos dos comensais: Só filé mignon, picanhas, chopp à vontade e vinhos da melhor marca.

Elson, o proprietário, questionou o garçom novamente se não eram pinduras mesmo. E o garçom insistiu novamente com seu conterrâneo sobre essa possibilidade, que já não era remota, era inerente. Tudo ensaiado, os estudantes, bem vestidos, negaram peremptoriamente. No final, adivinhem, era pindura mesmo. O garçom se retirou quando o proprietário foi dar um esporro nos estudantes, com toda razão, e não sabem dizer se alguém pagou alguma coisa ou não. Não sabe dizer, porque saiu de fininho, porque depois sobraria pra ele.

Nota: O garçom é o autor desse texto

Por Cesar Angelo Tasca
ex-garçom, atual dono do Agápio, da José de Alencar

Gente da Noite

★Dia 18/08 4ª feira: Jogadores do Inter foram comemorar o Bi da América no Parrilla del Sul “gheto” dos jogadores argentinos como D’Alessandro, Guinãzu e outros. Familiares foram com eles.

★Torcida e diretoria foram para o Barranco. Chiquinho Tasca diz que foram atendidos cerca de 1500 pessoas nesta noite - “o último saiu daqui 6h30m da manhã” - disse ele. No dia seguinte Chiquinho “bocejava”.

★Véspera de feriado dia 06/09 “Vovô”, que completou 70 anos recentemente, e Zezinho, outro garçom super premiado, começaram um bate-boca no Gambrinus. Mas o Beto proprietário deu um “apitaço” e mostrou o cartão amarelo a ambos.

Os dois se aquietaram. E prometeram duelar na rua... não no local de trabalho. Diz Vovô que era uma discussão “de brincadeira”. Não sei não!?!



BILHETE METROPOLITANO

Dr. Belmar Andrade

- Cardiologia Preventiva e Cardiologia do Esporte
 - Avaliação para prática esportiva
 - Eletrocardiograma e teste ergométrico
- Rua Costa, 30/403 - Fone: 3230.2677 - Porto Alegre
Rua Bento Gonçalves, 211 - Fone: (51) 485.1383
Viamão/RS

belmar.jose@terra.com.br



EXPEDIENTE

Propriedade de Olides Canton - ME
CNPJ 94.974.953/0001-02
Editor: Jorn. Olides Canton - Mtb 4959
Endereço: Av. Lavras, 425/303
Fone/Fax: (51) 3330.6803
e-mail: olidescanton@bol.com.br
CEP 90460-040 - Porto Alegre/RS
Editoração Eletrônica: Rita Martins(9832.8385)
e-mail: rmlgrafica@terra.com.br
Impressão: RM&L Gráfica (3347.6575)
Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores. Os colaboradores não têm vínculo empregatício.

chopp
PIZZAIOLO

forno à lenha

Horário:

Diariamente
das 17h à 1h30min

Tele-Entrega
das 19h às 24h

3331.9699
3331.1749

Almoço:

Das 11h da manhã à 1h30min da madrugada
ININTERRUPTAMENTE

AV. PROTÁSIO ALVES, 1548

chopp

pizza

Sexta
Sábado
Domingo e
Feriado

Ricuerdos de Província

Clemar Dias, de São Borja

Oi Olides, tudo bem?

Sabe! tem coisas que se não se conta morre e com a vida a fila anda.

No tempo em que perseguíamos a Califórnia da Canção Nativa, isso lá pelos anos oitenta e picos costumávamos acampar e de cabo a rabo acompanhávamos várias edições sem cortar a fumaça. Tínhamos um grupo grande que vindos de várias regiões montávamos um grande acampamento, algum muito fraternal.

Tive um saudoso amigo chamado Bira Fontoura, professor de história, artista plástico conhecido por todo este Rio Grande de Deus.

O Bira o que tinha de culto e inteligente tinha de sacana. Era a figura do anti-herói sem caráter. (no bom sentido). Naqueles anos em que o trem Húngaro saía de Porto Alegre e amanhecia em Uruguiana. Não lembro o ano, mas, foi um ano que a Califórnia levou para um show a famosa protagonista de filmes de cangaceiros a imortal Vanja Orico. Não esqueço de um detalhe: naquele ano a Polícia Federal deu um flagra na estação e com cachorros cheiradores rasgaram muito bolso de bombacha de gaudérios "momentistas e circunstanciais". O Bira estava na estação fazendo não sei o que reconheceu a Vanja e quando vimos chegou ele com a própria e mais uma secretária uma potiguara coisa de abandonar a família. A Vanja na época ainda dava para uma canja. (assim mesmo redundante) Chegando no acampamento as mulheres cansadas, providenciamos um banho para elas e acomodadas na nossa barraca passaram o resto do dia dormindo. Ao cair da tarde levantaram se ajeitaram tomaram uns aperitivos daí a Vanja tratou que iria procurar o pessoal do som para fazer seu ensaio. Nós curiosos, pois ela falava em ensaio mas não falava de seus músicos. Foi daí que ela disse que não, que trazia uma fita cassete e nela foi gravado com os maiores músicos brasileiros. A Califórnia com um espírito completamente conservador não era difícil imaginar que aquilo cheirava fracasso. Vai daí que ela abre a sua bolsa à procura de sua tal de fita e não encontra; esta mulher entrou em parafuso. Viraram e reviraram a barraca e nada. Começou a parte do lamento: - Se eu não encontrar esta fita não tenho como fazer este show e não tenho dinheiro nem para fazer cantar um cego. Os gozadores diziam entre os dentes: A pensão da tia Isolda é bem aqui perto. Todo mundo compungido e o Bira quieto. Como eu conhecia "os bois que lavro" vi que ali tinha treta. Não sei como ele fez mas a Vanja foi a palco e o show foi o fracasso imaginado e se não fosse um nordestino de última hora com um violãozinho cheio de fitas que subiu ao palco e convenceu os bêbados e ela escapou de ser currada. O "filho da mãe" do Bira acabou levando a potiguarazinha para os seus pelegos.

Terminado o show elas voltaram para o nosso acampamento e a Vanja lambendo as feridas dos "ossos" que teve de aguentar entrou para dentro de um litro. Mais o desgosto de ter sido chantageada começou a se contrapontear com o Bira. Enquanto bebiam foram entrando nos mais diversos campos da natureza humano. Ela feminista de primeira hora assegurava que tudo do que um homem pudesse fazer uma mulher também podia. Trouxe em relação uma sua bizavó que morto o marido defendeu seu rancho dos cangaçeiros, matando quatorze sendo oito na bala e seis na pexeira.

No acalourado da discussão ela rebatendo pediu que ele nomeasse uma tarefa que a mulher não pudesse fazer.

O Bira com a fleuma dos que sabem arrematou: -Olha dona, dezoito homens bem organizados mijam no mesmo pinico, me faça duas mulheres fazerem o mesmo!

Dai não prestou, foi esparramo de espeto para todos os lados.

A PEDIDO

Vote na NETA do
Brizola

Juliana
DEPUTADA ESTADUAL

12.001

Fone: (51) 3779.2542
www.julianabrizola.com.br

Governador FOGAÇA - 15 Senador RIGOTTO - 151 Presidente DILMA - 13

Pela legalização do jogo no Brasil

Adeli Sell*



Foto: Tonico Alvares

Não gosto de jogos, não jogo, mas defendo a legalização de todos os jogos no Brasil, bem como a criação de cassinos, com rígida legislação, com procedimentos capazes de sofrerem controle e fiscalização, com pagamento de impostos, com retorno social ao povo.

Joga quem quiser. Há gente que se vicia em jogos, dizem. São os ludopatas. Mas esses existirão sempre. Com o jogo clandestino, estão à mercê de máfias que mantêm cassinos clandestinos, casas de jogatina, exploração. Estarão nas mãos de agiotas e gente desse tipo. Ludopatia se trata como qualquer doença. Não há Lei Seca que elida o problema do alcoolismo. Ou alguém tem essa ilusão?

Jogar às claras. Em locais legalizados, abertos, fiscalizados. É a saída.

Proibir os jogos no Brasil com base nas ligações escusas com o jogo do bicho, o narcotráfico, a lavagem de dinheiro é uma ingenuidade, porque a lavagem de dinheiro se faz em muitas atividades econômicas. Isso acontece no Brasil porque não existe fiscalização, porque há a clara sensação da impunidade.

Um país como o nosso, que tem regiões com forte atrativo turístico, com rotas de cruzamento para diversas regiões, deve garantir a abertura e funcionamento legal de cassinos. Os tributos cobrados reverterão para obras de bem-estar social. O jogo não sendo legalizado, ele se torna necessariamente clandestino. Foi assim que o jogo do bicho, por capricho da esposa carola do Gal. Dutra, caiu na clandestinidade, dando espaço ao crime, à contravenção. Recentemente ficou escancarado que há setores ligados ao jogo com graves esquemas escusos, com suborno a políticos. Alguns desses políticos estão prontos para entrar no jogo sujo da contravenção. Mas é preciso separar o joio do trigo. Há empresários sérios e honestos prontos para trabalhar na legalidade, pagando impostos.

O Estado, ao não querer legalizar os jogos, sabendo que sempre existirão na clandestinidade, está abdicando de sua função de reger, ordenar, fiscalizar, abrir e fechar estabelecimentos.

Não querer legalizar o jogo é aceitar a hipocrisia de os ricos, os abonados, pegarem um cruzeiro em Ilhabela ou outro ponto turístico do país, embarcar, com o cassino fechado, e, logo na saída, ao zarpar, ter o cassino todo ao seu dispor. Está nas águas de nossa nação, o Brasil nada ganha com isso. É pura hipocrisia continuar proibindo, quando o jogo continua existindo.

Não legalizar os jogos no Brasil leva milhares de pessoas a abrir o computador, entrar num site e, ficar dentro de um cassino virtual, mas real para jogar, gastar. Nada fica aqui.

Chega de hipocrisia. Vamos legalizar os jogos, criar empregos, cobrar impostos, fazer obras sociais. E, é claro, fiscalizar!

Adeli Sell é vereador em Porto Alegre -
adelisell@camarapoa.rs.gov.br
www.adelisell.com.br

Alenir Canton
Representações

ações **FAVORIT**
Agência Especializada

E-mail: alenir@cpovo.net

Fone/Fax: (51) 3311.5211 Celular: (51) 9971.5303

ACESSE E DIVULGUE NOSSO SITE:

www.deolhoseouvidos.com.br

ANUNCIE NO FITNESS

3330.6803 OU e-mail olidescanton@bol.com.br